

**ENCONTRO MARCADO COM O GROTESCO**

por

Thiago Lopes de Souza

(Aluno do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca  
Examinadora na disciplina Projeto  
Experimental II. Orientador  
Acadêmico: Professor Potiguara  
Mendes da Silveira Júnior.

SOUZA, Thiago Lopes de. Encontro Marcado com o Grotesco. Juiz de Fora: UFJF: FACOM, 1.sem.2006, 66 fls. Projeto Experimental do curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Márcia Cristina V. Falabella  
Professora convidada

---

Prof<sup>o</sup> José Luiz Ribeiro  
Professor convidado

---

Prof<sup>o</sup> Potiguara Mendes da Silveira Junior  
Orientador Acadêmico

Projeto examinado:

Em:

Conceito:

## SINOPSE

Análise do programa Encontro Marcado da Rede TV! sobre a ótica do grotesco; proposição de uma nova forma de exploração da categoria estética.

## SUMÁRIO

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. O GROTESCO

2.1. O histórico do grotesco

2.2. A televisão e o grotesco

### 3. ENCONTRO MARCADO

3.1. O programa

3.2. As características do Encontro

### 4. ENCONTRO MARCADO COM O GROTESCO

4.1. A emoção grotesca

4.2. Gasparetto: uma máquina de produção do grotesco

### 5. CONCLUSÃO

### 6. BIBLIOGRAFIA

## 1. INTRODUÇÃO

A capacidade atrativa que o grotesco assume na vida das pessoas é a causa deste projeto. Esta forma de representação toma novas facetas, reinventa-se e atualiza-se sempre acompanhando os novos espetáculos.

É instigante se infiltrar neste termo e tentar entender um pouco mais este ponto de atração secular.

Aplicar a terminologia grotesco, hoje, mais que um desafio, é um exercício de abrangência da acepção da palavra, que passou a ser aplicada a quase tudo na vida humana, banalizando-se.

A escolha do programa *Encontro Marcado* tem a ver com isto. Buscar identificar na atração - que possui nas crises humanas sua matéria-prima na obtenção da audiência - elementos que cruzem, realmente, com o conceitual grotesco já estabelecido. Ao mesmo tempo, propor uma nova aplicabilidade do termo, ainda pouco explorada. Um viés emocional para grotesco. Caracterizando o programa como um utilizador desta forma de expressão. Consolidando a penetração do grotesco também nesta via psicológica.

Para tanto, fez-se necessário um estudo aprofundado do termo. O levantamento histórico levou à origem da palavra, na

antiga Roma, e conduziu através dos séculos, revelando um percurso controvertido.

Não menos complexa, a apreciação teórica mostrou-se densa e às vezes confusa. Muitos foram os autores que pensaram a questão e diversas as conclusões e os subsídios oferecidos.

Como a abordagem se limitaria especificamente a um programa de auditório da televisão, foi necessário também um estudo histórico e teórico do veículo-tema. Procurando traçar as características e diretrizes que poderiam influenciar na formatação do programa estudado.

Assim, o segundo capítulo compreende o estudo do grotesco; O levantamento histórico do termo; quem pensou e onde ele se fez presente ao longo do tempo; a sua confluência com a televisão e com os programas de auditório; o histórico do veículo de mídia e as formas de utilização grotesca que aparecem na TV.

O terceiro capítulo fixa-se no programa tema deste projeto experimental. Nestas páginas o programa é desmembrado e toda sua estrutura é trabalhada. São relatadas as características de produção e de conteúdo - como cenário, angulação temática, cinegrafia e linguagem, dentre outras.

No capítulo quatro as informações das seções anteriores são cruzadas. Grotesco e *Encontro Mercado* são comparados.

Onde o grotesco se processa na atração e como e por quem ele é possibilitado? As histórias contadas no programa são analisadas por um olhar fixado no escopo teórico grotesco.

Mais que analisar um programa, este projeto, *Encontro Marcado com o Grotesco*, permite uma visualização menos maniqueísta do termo estético. É importante abrir mão de certos paradigmas, associados à palavra, e buscar um entendimento do grotesco como mecanismo. Esta foi a preocupação deste trabalho.

## 2. O GROTESCO

La grotta, em italiano. A gruta, o porão, em português. Referências de origem lingüística para o termo que atravessou os séculos cercado por polemicas, inspirando artistas e caracterizando obras.

O grotesco revela-se como uma estrutura rica de pormenores, com uma história não menos atrativa e reveladora. Uma saga contemplada por ascensões e crises, que tornaram o termo, ainda hoje, controverso e instigante.

### 2.1 O histórico do grotesco

Nascido em Roma, no final do século XV, a palavra foi utilizada originalmente para identificar os estranhos ornamentos encontrados durante escavações no porão do Domus Áurea ou Palácio Dourado de Nero, em frente ao Coliseu, e nos subterrâneos das Termas de Tito.

Esta escavação representou um dos mais importantes e controvertidos resgates da cultura romana na Itália renascentista porque o que ali se encontrou era quase irreconhecível: uma série de estranhos e misteriosos desenhos, em que vegetais e partes do corpo humano e de animais se combinam em formas intrincadas, mescladas e fantásticas. (RUSSO, 2000. p. 15)

As formas identificadas como grotescas traziam uma série de elementos, até então, inexplorados, compondo estruturas esdrúxulas e incompatíveis para a época.



Não se distinguiam as fronteiras claras e inertes que dividem esses "reinos naturais" no quadro habitual do mundo: no grotesco, essas fronteiras são audaciosamente superadas. Tampouco se percebe a imobilidade habitual típica da pintura da realidade: o movimento deixa de ser o de formas completamente acabadas - vegetais e animais - num universo totalmente acabado e estável; metamorfoseia-se em movimento interno da própria existência e exprime-se na transmutação de certas formas em outras, no eterno inacabamento da existência. (BAKHTIN, 1987. p. 28)

Este achado, entretanto, não pode ser considerado uma descoberta, pois historiadores da arte identificaram diversos exemplos de objetos e desenhos, anteriores às escavações em solo romano, que se enquadravam no estilo grotta-esco. Vitruvius, em seu tratado estético *De Architectura* (27 a.C.), já mencionava um estilo repositório das associações artificiais, frívolas e irracionais.

Aqui se pode descurar do fato de que o fenômeno é mais antigo que o seu nome e que uma história completa do grotesco deveria compreender a arte chinesa, etrusca, asteca, germânica antiga e outras mais, do mesmo modo que a literatura grega (Aristófanes!) e outras manifestações poéticas. (KAYSER, 1986. p. 17)

A estética redescoberta com as escavações logo virou moda, sendo requisitada para decorar grandes instituições, como a biblioteca de Siena. Durante o século XVI, a expressão artística "*grottesche*" se espalhou por toda a Europa, estando presente nas construções, nas pinturas, nas gravuras, nas tecelagens e em outras formas artísticas.

Mas, a referência à Antiguidade, que no início trouxe notoriedade, foi o fator responsável por sua rejeição

pública. Os tratados de Vitruvius consideravam a manifestação grotesca uma monstruosidade, que tomava lugar das representações naturais e verdadeiras, já que tinha na mescla de elementos humanos, animais e vegetais sua característica elementar.

A crítica de Vitruvius que, baseando-se no critério da verdade natural, condena tanto os elementos, quanto as combinações do novo estilo de ornamentação... (KAYSER, 1986. p 18)

No século XVI a divulgação destes argumentos segrega o termo, notabilizando-o como algo do universo onírico, aberrante e disforme.

(...) foi a combinação do fantástico com a técnica do artista renascentista para produzir detalhes realistas que deixou tão pasmos e até enfurecidos críticos como John Ruskin, que condenou as grotescarias de Rafael como "fruto de grandes mentes degradado a objetos básicos", "uma série de absurdos" e "um aborto antinatural e monstruoso": "Se somos capazes de desenhar a cabeça humana perfeitamente, e dominamos a sua expressão e beleza, não há necessidade de cortá-la e dependurá-la pelos cabelos na ponta de uma guirlanda. E se podemos desenhar o corpo humano na perfeição da sua graça e movimento, não há por que arrancar seus membros, e concluí-los com um maço de flores" (RUSSO, 2000. p. 17)

Assim, nos séculos subseqüentes a palavra grotesco vai tomando outras conotações. Deixa de ser um substantivo e passa a adjetivar tudo que é disforme ou onírico, aplicando-se desde a vida social, a discursos, a atitudes, a comportamentos, até, é claro, a própria arte.

Como substantivo, isto é, como designação fixa de algo objetivo, penetra em toda parte e mantém-se vivo. Paralelamente, aparece também o adjetivo que antes substantivava o nome. A mistura do animalesco e do humano, o monstruoso como a característica mais importante do grotesco, já transparece no primeiro documento em língua alemã. (KAYSER, 1986. p. 18)

Durante o século XVII, o adjetivo grotesco é utilizado por escritores de uma forma bem ampla, definindo tudo que é bizarro, fantástico e extravagante. Na prática, o termo se torna sinônimo de cômico, ridículo e burlesco.

Em fins do século dezessete, o dicionário de Richelet registra o adjetivo "grotesco", definindo-o como "aquilo que tem algo de agradavelmente ridículo", donde "homem grotesco", "moça grotesca", "jeito grotesco", "rosto grotesco", "ação grotesca". Na mesma época, o dicionário da Academia Francesa explica o grotesco como o que é "ridículo, bizarro, extravagante".(SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 30)

O século XVIII é o início da discussão para a fundamentação do grotesco como uma categoria estética. Uma reflexão artística sobre o advento da caricatura, foi a conexão necessária para o início das explanações sobre o valor estético do estilo controverso.

As caricaturas presentes em obras célebres - como *As Viagens de Gulliver, de Swift* - revelaram-se bastante significativas na representação de um mundo disforme, não podendo ser consideradas como simples banalidades. A grande capacidade de síntese, a visão do mundo mais aproximada do universo onírico, a comicidade, a mescla de elementos humanos e bestiais tornavam evidente a aproximação da produção artística com o *sogni dei pittori* ou grotesco. A relação entre a arte e o belo é o ponto chave das teorias que viriam daí por diante.

Se é certo que a caricatura, com sua reprodução da realidade disforme e, em todo caso, nada bonita, inclusive com sua identificação de desproporção, constituía uma autêntica força plasmadora da arte, neste caso começava a abalar-se o princípio que a reflexão sobre a arte reconhecera até então como base fundamental: o da arte com reprodução da bela natureza, ou seja, sua elevação idealizante. (KAYSER, 1986. p 30)

Sendo assim, no século XIX, o grotesco passa a ser apresentado como categoria estética. Victor Hugo, no prefácio de sua peça *Cromwell*, é o primeiro a mencionar esta nova categoria, como uma alternativa à monotonia operante. O interesse pelo cômico e pelo estranho, comum nas formas de diversão populares, traz o reencontro com o "natural", que através de Hugo passa a ingressar na estética culta.

No pensamento dos Modernos, ao contrário, o grotesco tem um papel imenso. Aí está por toda a parte; de um lado, cria o disforme, e o horrível; do outro, o cômico e o bufo. Põe ao redor da religião mil superstições originais, ao redor da poesia mil imaginações pitorescas. É ele que semeia, a mancheias, no ar, na água, na terra, no fogo, esta miríades de seres intermediários que encontramos bem vivos nas tradições populares da Idade Média; é ele que faz girar na sombra a ronda pavorosa do sabá, ele ainda dá a Satã os cornos, os pés de bode, as asas de morcego. (...). Se passa do mundo ideal ao mundo real, aqui desenvolve inesgotáveis paródias da humanidade. (HUGO, 1988. p. 28)

Hugo enxergava o grotesco intimamente relacionado com a comédia, como uma paródia da humanidade, expressando o não dito, um atributo do maniqueísmo cristão, onde o feio e o belo, o disforme e o gracioso, o mal e o bem, a sombra e a luz andam lado a lado, harmoniosamente. Para ele, será uma possibilidade de se reinterpretar, de forma culta, a espontaneidade popular e de quebrar com a tradição clássica.

(...) Esta beleza universal que a Antiguidade derramava solenemente sobre tudo não deixa de ser monótona; a mesma impressão, sempre repetida, pode fatigar com tempo. O sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar do belo. Parece, ao contrário, que o grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde nos elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada. (HUGO, 1988. p. 31)

Em Nietzsche, encontramos o grotesco como uma aproximação do homem com o animal, valorizando as afecções corporais e não os afetos espirituais. Dando estatuto pleno ao mau gosto. (Apud SODRE & PAIVA, 2002, p. 48)

Baudelaire associará o grotesco à idéia de "cômico absoluto", tendo como preocupação, o entendimento da dinâmica do riso humano. Para ele, o grotesco está mais próximo da essência "natural" das coisas, sendo por isto risível. (Apud SODRE & PAIVA, 2002, p. 53)

Mikhail Bakhtin também associou o termo à comédia em seus estudos sobre o carnaval em *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Para ele o corpo grotesco é concebido antes de tudo como um corpo social. Ele utiliza-se do termo para conceitualizar as formações sociais, os conflitos sociais e a esfera política. O corpo grotesco é, em sua concepção, um "extrato corporal inferior" associado à degradação. Uma oposição ao corpo clássico, que é transcendente e monumental. (Apud RUSSO, 2000, p.53)

O corpo grotesco é aberto, protuberante, irregular, secretante, múltiplo e mutável; está identificado com a cultura "inferior" não-oficial ou com o carnavalesco, e com a transformação social. (RUSSO, 2000. p. 21)

Ele percebe a trajetória do grotesco, a partir da Idade Média, muito aproximada de um sentido carnavalesco, alegre e luminoso.

Tudo que era terrível e espantoso no mundo habitual transforma-se no mundo carnavalesco em alegres "espantalhos cósmicos". O medo é a expressão externa de uma seriedade unilateral e estúpida que no carnaval é vencida pelo riso... A liberdade absoluta que caracteriza o grotesco, não seria possível num mundo dominado pelo medo. (BAKHTIN, 1987. p. 41)

Bakhtin compreenderá o processo grotesco como uma possibilidade de um mundo totalmente diferente, com uma estrutura diferenciada da tradicional. Neste esquema o homem estaria livre das amarras outorgadas socialmente, tendo no riso a principal arma para quebra da unilateralidade permanente.

Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidades inumana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade apresenta-se num determinado momento como algo sério, incondicional e peremptório. Mas historicamente as idéias de necessidade são sempre relativas e versáteis. O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. (BAKHTIN, 1987. p. 43)

Mas o grotesco recebeu o título de estranho e de excepcional no estudo de Wolfgang Kayser, intitulado *O Grotesco*.

Wolfgang Kayser, no seu estudo da literatura e da arte européia dos séculos XIX e XX, refere-se evidentemente a Hoffmann e aos românticos alemães, e amplia a idéia de estranheza para a de uma

alienação generalizada do-mundo-que-se-tornou-estranho. (RUSSO, 2000. p. 22)

Nesta classificação ele estaria ligado aos registros psíquicos e corporais, como projeção cultural de um estado interior. O corpo estranho é entendido neste sentido como ambíguo, duplo, monstruoso, deformado, excessivo e desprezível. (Apud RUSSO, 2000, p.53)

O grotesco é uma estrutura. Poderíamos designar a sua natureza com uma expressão, que já se nos insinuou com bastante freqüência: o *grotesco é o mundo alheado* (tornado estranho). (KAYSER, 1986. p 159)

Na obra *o Império do Grotesco*, os escritores Muniz Sodré e Raquel Paiva, perpassam por estes e por diversos teóricos e dizem que o grotesco possibilita o riso para a platéia sendo altamente atrativo. Ele é uma distorção cômica de tudo que é bizarro e desprezível. O grotesco é a aproximação do homem com o animal.

É antiqüíssima (...) a identificação mítica e figurativa entre o homem e o animal, fazendo-se presente nas fábulas e em sistemas morais. Muitas vezes, a identificação passa pela referência ao excremento como metáfora para o rebaixamento frente a valores tidos como excelsos ou para uma radical ausência de qualidades (consciência moral, sexualidade civilizada, alimentação regrada, máscaras identitárias, etc.), isto é, o grau zero da condição humana. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 21)

Para os mesmos autores o grotesco também é considerado como uma forma estética. Insere-se nas categorias: "equilíbrio de forças", "reação afetiva", "valor estético" e "trânsito estético". Desperta o gosto, ou mesmo a "desarmonia do gosto".

Assim sua presença nas artes e conseqüentemente na mídia é uma realidade. A definição do grotesco como manifestação estética atual ainda é um processo de apreciação e estudo constante, já que esta categoria se metamorfoseia de acordo com os progressos sociais.

## 2.2 A televisão e o grotesco

Há apenas 67 anos figurando como veículo de comunicação, a TV ainda pode ser considerada como um suporte em crescimento e desenvolvimento. Suscitando discussões e inovando progressivamente.

Antes de tudo, é preciso frisar que televisão não é dispositivo uno, isto é, medium cujas características técnicas e culturais mantenham o mesmo padrão em todas as épocas e lugares, já que é nítida a sua evolução técnica e semiótica. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 105)

A tecnologia que possibilitou as primeiras transmissões em 1939, nos Estados Unidos da América, entre as cidades de Chicago e Nova York, só veio aportar em terras tupiniquins 11 anos mais tarde, pelas mãos do empresário Francisco de Assis Chateaubriand.

Como costuma acontecer os países caracterizados pela "via prussiana", isto é, a modernização feita autoritariamente, de cima para baixo, a televisão chegou aqui de repente (desde 18 de setembro de 1950), por capricho do empresário Assis Chateaubriand, sem estrutura industrial específica e, mesmo, sem número razoável de aparelhos receptores. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 112)



O preço elevado dos aparelhos e as dificuldades tecnológicas contribuíram para um início tímido da TV no Brasil. Somente após o Golpe Militar de 64 foi que o veículo iniciou sua abrangência pelo território nacional, movida por interesses estratégicos e subsidiada pelas estatais Embratel e Eletrobrás. O regime militar também permitiu a entrada de capital estrangeiro, o que favoreceu a implantação de padrões internacionais e de tecnologia importada.

Para o aumento na venda de aparelhos o governo criou um programa de crédito ao consumidor e incentivou a produção em massa de receptores, o que barateou os custos.

O veículo nascente se moldou, inicialmente, em seu precedente mais popular, o rádio. Programas, tal qual eram emitidos pelos rádios, foram levados para TV, associando o som habitual à inovação da imagem. Do rádio vieram programas de auditório, humorísticos e até novelas, como o *Direito de Nascer*.

O plágio das atrações radiofônicas tinha o nítido objetivo de consolidar e de ampliar a audiência. Os interesses publicitários queriam repetir a fórmula de sucesso do rádio na TV.

Quanto mais os signos da mensagem (os elementos culturais de um programa de televisão, por exemplo) forem familiares ao público, por já constarem de seu repertório, maior será o grau de comunicação. (SODRÉ, 1983. p. 63)

A TV desde início buscou levar identificação para o maior número possível de telespectadores. Para isto ela reproduz na tela as diversões e os ritos populares, buscando sempre a produção do popularesco. Muniz Sodré e Raquel Paiva, no livro *O Império do Grotesco*, definem o termo popularesco como uma característica dos meios de comunicação que transportam e manipulam industrialmente a espontaneidade popular, visando à captação e à ampliação de audiência. (Apud SODRE & PAIVA, 2002, p. 111)

Através da estética festiva da praça pública, combinando espontaneidade popular com os interesses econômicos/editoriais das emissoras, os programas buscarão principalmente a identificação da audiência consumidora.

Os elementos da linguagem popular, tais como os juramentos, as grosserias, perfeitamente legalizadas na praça pública, infiltram-se facilmente em todos os gêneros festivos que gravitam em torno dela (até no drama religioso). A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de "exterritorialidade" no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. (BAKHTIN, 1987. p. 132)

O programa de auditório será o produto televisivo que melhor exemplifica esta característica. Extremamente populares desde a era do rádio, os programas de auditório penetraram na televisão buscando repetir o mesmo sucesso conquistado com os ouvintes. E fizeram até mais que isto. Tornaram-se indispensáveis na programação da TVs abertas, sendo símbolo das emissoras. Até recentemente, tinham até dia

cativo, o domingo, na grade de programação das duas maiores emissoras do país, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Rede Globo.

Através de formas sádicas de exibição, os programas de auditório expõem a vida privada das pessoas sempre em busca do aumento dos índices de audiência. Além disto, estas atrações criam sensações de alívio e de conforto ao homem midiático dos grandes centros urbanos. Este homem encontra na tela algo que o identifica e ao mesmo tempo lhe permite uma certa ("falsa") individualidade em meio ao caos contemporâneo.

O auditório trará a feira livre para TV. Os tipos comuns do dia-a-dia, com suas mazelas e sonhos. Tudo que possa, de certa forma, tocar o telespectador, algo que para ele seja íntimo ou familiar.

Na televisão, o auditório passou a exercer a mesma função que lhe garantira grande sucesso na rádio: recriar a espontaneidade das festas e dos espetáculos públicos - portanto, assumir uma parte da tensão presente nas manifestações simbólicas das classes economicamente subalternas no espaço urbano - e, ao mesmo tempo, manipular os conteúdos "popularescos", pondo-os a serviço da competição comercial/publicitária pelo mercado de audiência. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 115)

Comumente as características advindas dos ritos populares são desprovidas das belezas exaltadas pela elite intelectual. Na verdade, o popularesco terá muito mais de grotesco que de sublime. Sendo clara a exibição de uma realidade nua e crua. O grotesco será a vertente mais

utilizada para a conquista visual nos programas de auditório.

Os programas buscam um nivelamento rasteiro das atrações, seja para tornar as mensagens complexas mais inteligíveis - para uma camada maior de telespectadores - seja para oferecer um divertimento despreocupado.

Desde o início da TV vários programas de auditório usaram a estética grotesca como forma de produção. Dercy Gonçalves, Jota Silvestre, Flávio Cavalcanti, Silvio Santos são alguns exemplos de apresentadores que levaram mão da via grotesca para a conquista de audiência.

Hoje, na constante busca pela audiência, a televisão brasileira coloca o grotesco a serviço de um sistema que pretende ser a compensação para a angústia do indivíduo dos grandes centros urbanos. E seu sentido pode ser entendido como uma aberração de estrutura. O grotesco integra um mundo distanciado, o que leva sua aproximação ao estranho e ao exótico. E esta estranheza o coloca perto do cômico e do caricatural. (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 15)

O grotesco exposto na TV apresenta-se de forma bem particular. A principal forma de grotesco é o chamado "grotesco escatológico". É o predomínio do mau gosto, onde as deformidades, as mazelas e tudo que é, de certa forma, degradante formarão o cenário principal dessa subcategoria.

A intenção da TV, quando representa o grotesco, é sempre colocar-se entre o que está no meio de nós, mas que ao mesmo tempo é exótico e sensacional. Seria de certa forma uma tradução da realidade humana, do cotidiano, das manias, dos hábitos, das características mais vis do homem.

Os programas de televisão funcionarão como grandes picadeiros, trarão para a "telinha" o espírito circense e tragicômico. Será a feira, a praça representada na imagem. Vários elementos do meio circense serão reconhecidos, teremos, muitas vezes, a figura do palhaço, os animais, os seres estranhos.

O grotesco, enquanto manifestação de formas aberrantes e escatológicas, é um fenômeno que se alastra pela vida contemporânea, com reverberações pela mídia e nas artes em geral. A contrafação dos cânones esteticamente corretos seduz amplas faixas de audiência, predisposta a rir diante das situações chocantes que desfilam em telas e imagens. (MORAES, 2002. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigo/a1010520020.htm>)

O espetáculo grotesco utiliza-se destes elementos, para conquistar o agrado do público. Mesclando nas atrações, ora as emoções - como no globo da morte de um circo - ora tensão e drama - como em um número de trapézio - e mesmo a hilaridade (às vezes ingênua, às vezes satírica, às vezes cruel), como uma trupe de bufões que invade a tela e desfila toda a sorte de diabruras risíveis. "Esta dualidade de sentimentos pode em segundos levar uma pessoa das lágrimas ao riso. E isto agrada, pois origina o espetáculo". (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 22)

A linguagem é sempre a mais coloquial possível, para que não haja dificuldade na emissão das idéias.

Outro recurso bastante utilizado pelos programas é o *fait divers*. Esta forma de expressão jornalística nasceu na

França, com a imprensa popular, e refere-se a notícias de caráter sensacionalista. Descontextualizado, o *fait divers* mistura a casualidade de circunstâncias com o inesperado.

O *fait divers* é rico de desvios causais, isto quer dizer que espera-se uma causa e é outra diferente que aparece. Quanto mais pobre, mais banal e mais decepcionante for a causa, maior é o *fait divers* e o seu efeito, já que neste não há fraude e tem o objetivo de chamar o máximo de atenção possível, sempre escandalizando. (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 18)

O *fait divers* conquista a grande massa de consumidores, pois as pessoas sempre acham que aquele fato inusitado pode ocorrer com elas. As fantasias íntimas de cada um também são satisfeitas, muitas vezes, através desta via sensacional.

Não há nenhum *fait divers* simples, constituído por uma só notação: o simples não é notável; quaisquer que sejam a densidade do conteúdo, sua empresa, seu horror ou sua pobreza, o *fait divers* só começa onde a informação se desdobra e comporta por isso mesmo a certeza de uma relação... (Barthes, 1970. p. 57. Apud Dahbar & Aguiar, 1998. p. 21)

Outro ponto presente nos programas de auditório e que auxiliam a composição da estética grotesca é a relação com a vida privada.

Na mídia televisiva, a vida particular nunca esteve tão exposta. Saber os bastidores da vida alheia sempre foi algo que atraiu a atenção do homem, mesmo antes do surgimento da cultura de massa. Na antigüidade o julgamento público de desertores, era apreciado e ovacionado pela platéia, ansiosa pelo veredicto de morte.

Hoje não é diferente. O *voyeur* contemporâneo encontra nos programas grotescos todo o tipo de história para

satisfazer sua gula curiosa. Assistir a vida alheia passa a ser algo permitido, incentivado e cada dia mais prazeroso. Exemplos não faltam, desde casamentos até cirurgias plásticas, para ficar igual ao ídolo famoso.

No tocante ao público, não se sustentam as hipóteses explicativas de um "voyeurismo" freudiano, pois o que se evidencia mesmo não é uma sexualidade de fundo, mas a sinergia (escopofílica, certamente) entre a banalidade dos fluxos televisivos e a existência banal dos telespectadores. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 134)

A forma lúdica a que as situações são apresentadas pelas emissoras de TV transforma questões relevantes da vida íntima em trivialidades. O telespectador vê as mazelas sociais e comumente ri delas.

O riso desprendido pelas apresentações oferecidas na mídia eletrônica massiva é o riso malévolo, pretensamente democrático e banalizado.

E essa idéia, na tevê aberta, privilegia fortemente a ótica do grotesco(...), porque suscita o riso cruel, que parece assumir contemporaneamente foros de liberdade de pensamento. A hilaridade sempre foi um vitorioso recurso universal na mídia, mas agora se impõe com um novo estilo, em que a crueldade - entendida ora como gozo com o sofrimento do outro, ora como nenhuma contemplação ética para com o tema em pauta - é o traço principal. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 132)

Nos programas de auditório este riso experimenta toda liberdade possível. É possível rir de tudo. Sofrimento, dominação, brutalidade, ridículo alheio. "Rir é o melhor remédio". Diz a máxima daqueles que não encontram no poder público as soluções para os seus problemas.

E nesta sociedade, em que a política do Estado é vista como insuficiente, a telinha toma ares de "salvadora da

pátria". Ela pode denunciar, ridicularizar e punir. Ela também dá abrigo, mata fome e ajuda. Os programas são verdadeiras "portas da esperança" nas quais, todos os dias, batem desesperados. Daí é possível rir, pois no final tudo se resolve no mundo da TV.

Os apresentadores vestem a indumentária do poder paralelo e eficaz. São capazes de realizar aquilo que o governo não pode e que as pessoas pensam ser da responsabilidade do poder público. O apresentador é confundido com o herói, que resolve ou que tem acesso mais facilitado àqueles que podem solucionar os problemas.

A esta figura heróica tudo é permitido. Ele pode lançar bacalhau na cara da platéia, ele pode se travestir de mulher, ele pode condenar, ele pode mandar. Ele é sábio e dono da melhor verdade: a palavra do povo.

A via da exibição da vida íntima é a mais utilizada pelo grotesco. Cada programa vai abordar um tipo de peculiaridade que satisfaça esta ânsia dos espectadores de saber da vida dos outros.

Alguns programas utilizam o grotesco chocante. Uma característica marcante neste caso é o uso de *fait divers*. Assuntos polêmicos, sempre com uma certa dose de humor negro e excentricidade serão temáticas comuns. No programa a *Hora da Verdade* (exibido pela TV Bandeirantes, em 2000) chamadas



como "Meu pai é gay", "Fui traída e fui a última a saber" exemplificam bem esta peculiaridade.

A utilização do sexo também é recorrente nas atrações grotescas. Fetichismo, bestialismo, sadismo e masoquismo aparecem com muita frequência. É comum ligar a televisão e ver uma dominatriz e seu escravo se exibindo para um auditório. Discussões acaloradas sobre o tema também são muito populares. Geralmente superficiais, preconceituosas e fúteis. A tara alheia sempre aumenta os índices de audiência.

A religiosidade também é prato feito para as grotescarias dos produtores. Umbandismo, misticismo, satanismo, milagres, cultos exóticos. Uma série de temas curiosos, polêmicos para usarem e abusarem nos programas.

Nem os programas infantis escapam do viés grotesco. As eternas apresentadoras loiras chefiam uma atração repleta de apelos sexuais e eventos banalizantes para uma infância teleguiada.

O grotesco se alastra pela mídia televisiva e penetra em tudo que é produzido, em maior ou menor escala.

Mas tem principalmente um efeito de contaminação semiótica (uma espécie de reprodução viral dos simulacros à maneira da "lei de Gresham", segundo a qual a moeda má expulsa a boa), não por uma lógica intrínseca das imagens, mas pela força catalisadora do marketing num contexto de livre concorrência ou livre circulação da "moeda" televisiva, em que a facilitação e a banalidade convertem-se em recurso de fácil captação de audiência. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 137)

É interessante notar que a presença secular do grotesco vem se moldando gradativamente e sempre refletindo a sociedade contemporânea.

Seguindo esta tendência, é possível perceber um aumento dos programas que utilizam um grotesco no sentido mais emocional ou psicológico. Atrações como o já extinto *Jogo da Verdade*, da Rede Bandeirantes, e *Casos de Família*, do SBT, exemplificam este novo direcionamento na exploração grotesca.

Com o desenvolvimento dos centros urbanos e com uma certa moralização dos veículos de comunicação em geral, vê-se a diminuição dos programas que abusam do grotesco escatológico, para o aparecimento de atrações, não menos grotescas, mas mais sutis.

Hoje, ver peles necrosadas na TV, sexo explícito e embates físicos entre marido e mulher já não é mais tão interessante. Fato comprovado pela diminuição de programas que usava este tipo de linguagem. Um exemplo é o programa do Ratinho, que já não possui a mesma audiência, que conferiu ao apresentador Carlos Massa o título de novo Chacrinha.

O caos atual do mundo urbano moldou novos homens. Estressados, massificados e vivendo em um ritmo neuralizante, este indivíduo passou a desenvolver novas doenças. O estresse, a depressão, a síndrome do pânico são as novas vedetes dos consultórios médicos. Os problemas conjugais, a

aceitação e a auto-estima são assuntos comuns em qualquer roda de discussão.

E, como a TV dá ao telespectador aquilo que ele quer ver, os programas passaram a expor outras especificidades. O que o aflige psicologicamente, as crises emocionais. Chegou a hora da TV divã. O analista eletrônico, prótese de um mundo aturdido pela massificação.

Toda esta permissividade, com o meio eletrônico, é fundamentada por uma espécie de contrato estabelecido entre a TV e o público.

O que condiciona o tal "contrato de leitura" entre a tevê e seu público? (...) o sistema televisivo encontra-se, tanto quanto o espectador, dentro de um mundo especular (não semelhante à superfície que reflete um objeto real, mas um "mundo" análogo ao de "Alice no País dos Espelhos"), regido pelo código cultural do mercado. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 132)

Neste acordo, o público vê o que quer, ao mesmo tempo em que a TV transmite aquilo que é de seu interesse e de seus anunciantes.

## 1. ENCONTRO MARCADO

O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 13 horas pela Rede TV! É apresentado por Luiz Antonio Gasparetto e é dirigido por Adauto Salgado. O *Encontro Marcado* é gravado segundas, quartas e sextas-feiras no bairro de Alphaville, na sede da Rede TV! em Barueri, São Paulo, e tem duração de uma hora.

No portal da emissora na internet ([www.redetv.com.br](http://www.redetv.com.br)) existe uma página exclusiva para o programa. No *site*, o internauta pode encontrar informações sobre o programa, conhecer um pouco sobre o apresentador da atração, ver fotos das gravações e acessar a enquete do dia. Ainda é possível falar com a produção do programa através do *Fale Conosco* e conferir a palavra do Gasparetto, o apresentador, no *Por Gasparetto*.

Também na página da internet, encontramos a definição dada pela produção do programa para o *Encontro Marcado*. Segundo o texto, programa teria por objetivo auxiliar as pessoas em seus conflitos pessoais, expondo suas dificuldades.

O objetivo deste programa é o de agregar pessoas e estimulá-las a resolver questões que, por ventura, afetem sua vida e levar ao telespectador a oportunidade de resolver e virar uma página em sua vida. (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/programa.aspx>)

No *link O Programa* encontramos referências aos casos apresentados. O *site* alega que os casos levados ao programa são de origem familiar, ou seja, ocorridos no âmbito de uma família brasileira comum, e que possuem veracidade.

É possível concluir com isto duas coisas: que as histórias mostradas no programa são verídicas, mas que podem ser encenadas por atores ou que são, realmente, as famílias envolvidas com os problemas que vão ao programa narrar seus conflitos e desventuras. Mas, a interpretação do que diz no *site* tende, muito mais, a indicar que, realmente, as famílias tema dos programas são reais e que seus integrantes de fato vão até o palco expor seus conflitos íntimos.

Os temas abordados são de caráter familiar e verídico, sendo que seus personagens estão diretamente ligados ao caso. (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/programa.aspx>)

A exposição dos conflitos é a principal temática da atração, configurando-se como matéria-prima para a existência da mesma.

### 3.1 O programa

O *Encontro Marcado* é pautado pela exibição dos problemas dos convidados e pela interação do apresentador com a platéia. A intenção é de ajudar e dar apoio aos

participantes. A resolução dos problemas familiares é sempre difundida e proclamada. Seja no *site* do programa, seja na TV.

Por sua formação profissional, Luiz Antonio Gasparetto dá às pessoas a possibilidade de expor os seus conflitos e ele, como psicólogo, os analisa, sempre no intuito de ajudar a resolvê-los. (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/programa.aspx>)

O apresentador do programa é Luiz Antonio Gasparetto. Muito conhecido pelos seguidores da doutrina espírita, Gasparetto, como é comumente chamado, alcançou notoriedade mundial pelas exposições de pinturas mediúnicas que realizava. Ou seja, através de uma intervenção espiritual ele produzia trabalhos artísticos. Além disso, ele também é filho da escritora Zíbia Gasparetto, que possui vários livros conhecidos pelos espíritas do país.

Apesar de ter se tornado uma pessoa pública através de suas manifestações mediúnicas, ligadas à doutrina espírita, e de ter conquistado com isso fama e dinheiro, Gasparetto se diz, há um bom tempo, como um ex-seguidor da religião. Segundo ele, a religião cria divisões que não o agradam. Embora afastado do culto religioso, o apresentador de *Encontro Marcado*, continua a realizar estudos sobre a espiritualidade e, segundo o *site* do seu programa, está "cada dia mais antenado com o astral, uma fonte de inspiração constante". (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br>)

/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/apresentador.asp

x)

No programa, ele continua a utilizar o seu dom, que lhe permite comunicar com o mundo dos mortos. Ele recebe conselhos e ensinamentos e repassa para os convidados. Estas orientações da espiritualidade são dadas por uma entidade que ele chama de mentor.

Formado em psicologia, hoje ele já não possui mais o seu registro de psicólogo no conselho da área. Decidiu cancelá-lo. Este fato o proíbe de exercer a profissão, mas, ao mesmo tempo, dá-lhe liberdade para "questionar conceitos de forma mais abrangente e experimentar novos meios de ajudar as pessoas". (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/apresentador.asp>)

Segundo o *site*, hoje, o trabalho que Luiz Antonio Gasparetto realiza é de um educador. "(...) voltado a despertar o ser humano para o potencial que existe nele próprio". (REDE TV, 2006. <http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/apresentador.asp>)

Ele afirma não se amedrontar com possíveis plágios de seu trabalho realizado na TV. Ele diz na internet "saber que fez escola e que muitos hoje trilham os mesmos passos que ele, com suas idéias e conceitos acerca da prosperidade e de suas experiências". (REDE TV, 2006. <http://>

[www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/apresentador.asp](http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/apresentador.asp))

### 3.2 As características do *Encontro*

O programa adota o chamado visual *clean* para a cenografia. Um ambiente sem muitos elementos enfatizando principalmente os convidados. No centro do palco um sofá de dois lugares, em formato de pufe, branco, é a posição dos convidados. As paredes são formadas por placas quadradas de tons azuis, intercaladas por painéis de um rosa bem claro. O azul é a cor adotada pela Rede TV! em sua logomarca e serve de identidade visual para os produtos da emissora. Os painéis rosados recebem uma luz inferior cenográfica, no tom de azul. O ambiente passa tranqüilidade e credibilidade.

À esquerda e à direita dos convidados no palco fica a platéia. Disposta em uma pequena arquibancada de três setores sobrepostos, com capacidade para cerca de 21 espectadores, de cada lado do cenário. As arquibancadas são pretas e em tons de rosa e estão bem próximas dos convidados e do apresentador.

Todo o espaço cênico forma um círculo, sendo pequeno o espaço de circulação do apresentador. A impressão que o cenário passa é de uma semi-arena ou um circo visto apenas de



um lado, com o centro circular e com as paredes curvas. Pois, apesar de possuir um formato circular, as câmeras tendem a mostrar, com maior frequência, apenas um lado do cenário.

O apresentador possui um pequeno banco, uma espécie de tamborete, bastante elevado, também branco, onde ele começa o programa. Depois, ele fica de pé o restante do programa, com um fundo azul na sua retaguarda. O tamborete, então, passa a servir de apoio para o microfone, que ele utiliza com a platéia, e para as fichas, onde ele lê as informações.

O banco dos convidados fica sobre um tablado circular. Atrás deles um telão exibe a vinheta de abertura do programa e o nome da atração. As imagens ficam em movimento ou, às vezes, o telão fixa a logomarca *Encontro Marcado*. Desenhos do olho do apresentador dentro de uma bola, tudo em tonalidades azuis, são os temas que passam pela tela. Mostrando a onisciência do apresentador.

A abertura segue esta mesma linha. Os olhares aparecem girando e fitando o telespectador. Em determinado momento, aparece a imagem do apresentador que é ampliada, até ocupar a toda a tela. A figura que aparece é de um Gasparetto bastante severo e inquisitivo, com o dedo em riste.

O figurino do apresentador é bastante informal. Ele veste calças jeans ou de outros tecidos esportivos. As camisas são, geralmente, de manga longa e de botão, mas o

corde é bastante jovial assim como os panos e bordados utilizados. O cabelo é cortado de forma bem contemporânea, com os fios descoloridos, arrepiado e abusando de cremes que dão brilho.

A imagem passada por Gasparetto é de uma pessoa despojada, um ar de "garotão". Apesar de já não estar mais na juventude, ele tem 56 anos. O apresentador apresenta trejeitos bastante expansivos. Faz uso das mãos e do gestual ao se pronunciar. A expressão facial também é bastante utilizada. Ele não hesita em mostrar agrado, desaprovação, ironia ou raiva nas situações que são apresentadas. Seu tom de voz pode ir de um sussurro, a gritos estridentes e afeminados.

A chamada imparcialidade, tão apregoada pelos comunicadores, não é de forma alguma uma preocupação para Gasparetto. Na verdade, o que é realmente importante é a sua opinião sobre o fato narrado pelos convidados.

Inversamente do que possa parecer, o programa tem entre o apresentador e os convidados uma disputa acirrada pelo foco principal da atração. Isto porque depende do apresentador as intervenções nas histórias contadas. Seus comentários engraçados, cruéis, debochados e todo o seu jogo de cena, dão a ele uma grande importância na sustentação do programa. É claro, que os assuntos escabrosos trazidos pelos

participantes do programa somam uma grande parte dos ingredientes chamativos da atração. Mas, o ar caricatural de Luiz Antonio Gasparetto deve ser levado em conta.

Gasparetto goza de uma liberdade singular. Ele tem toda a autonomia para lançar suas opiniões, arbitrárias ou não, sobre o que está sendo dito. Ele pode rir, caçoar ou esbravejar. Ele é como o bobo da corte, solto em meio ao salão, deferindo sua opinião sobre espectadores participantes do espetáculo.

O clown, o palhaço, é o louco profissional. Só ele pode sorrir sonoramente ante o escândalo da existência e levar-nos a reconhecer a nossa condição tragicômica. A mímica do palhaço é a estilização do nosso ridículo cotidiano - nossos hábitos repetidos, nossos estereótipos. Para fazer rir da realidade, ele, inconscientemente, se distancia dela, apontando-a, no mesmo movimento revelador do grotesco. (SODRÉ, 1983. p. 81)

Seus convidados são figuras passivas e atentas aos ensinamentos do "mestre" que quer ajudá-los.

Composto geralmente por duas pessoas, o sofá dos convidados recebe todos os tipos de histórias. Sempre com um alto teor afetivo e psicológico. Pode ser o caso da mãe que não dá autonomia aos filhos, da mulher que é muito ciumenta, da jovem revoltada com os pais. Tudo muito comum e corriqueiro em qualquer família, em qualquer bairro de uma cidade urbana.

Para participar do programa existem duas maneiras. A pessoa pode responder a interativa do *site* ou contatar a produção por telefone, *e-mail* ou carta.

No *site* (<http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/index.aspx>) no setor *Interativa* ou na *Home* é possível encontrar o tema sobre o qual a produção pretende realizar um programa. Daí, basta o interessado preencher um cadastro prévio e contar sua história em um espaço reservado, com no máximo mil caracteres. O tema é atualizado periodicamente, para que novas pessoas possam se inscrever. No dia nove de julho de 2006 a interativa do *site* era seguinte: Os homens fogem de você? (<http://www.redetv.com.br/siteredetv/grupos/programas/encontromarcado/interativa.aspx>)

A produção disponibiliza dois contatos telefônicos com o programa. Inclusive, os telespectadores podem participar através destes telefones durante a exibição, interagindo com a questão abordada no dia, com o apresentador e com os convidados.

Durante o programa o endereço eletrônico [encontromarcado@redetv.com.br](mailto:encontromarcado@redetv.com.br) é sempre divulgado. Esta é mais uma via para participação na atração. O endereço para as cartas é divulgado na abertura.

Os temas sempre obedecem ao caráter psicológico/emocional. São muitas vezes de teor voltado para o público feminino.

O *Encontro Marcado* se assume como uma auto-ajuda eletrônica. O próprio apresentador do programa abre a atração dizendo que será mais um dia de auxílio para o homem buscar se conhecer melhor.

Três câmeras servem ao *Encontro Marcado*. O programa abre com uma imagem panorâmica de todo o cenário, mostrando o apresentador, a platéia e os convidados, já posicionados no centro do palco. Depois, uma câmera foca o Gasparetto, sempre em plano médio. Quando a atenção se desloca para os convidados, uma terceira objetiva enquadra o convidado que está com a palavra, também em plano médio. Quando ocorre um debate entre os dois convidados presentes, a câmera se abre mais um pouco até que os dois fiquem enquadrados. Se, o Gasparetto resolve interagir com a platéia, a primeira câmera, que faz a panorâmica, filma esta ação em plano aberto.

O uso de *closes* e *hipercloses* se resume a momentos mais dramáticos da conversa, mas podem ocorrer ou não durante o programa. Quando algum convidado se emociona a câmera fecha no rosto dele ou pode acompanhar, em *hiperclose*, o gestual mais enfatizado do Gasparetto, nos momentos de tensão.

A sonoplastia utilizada no programa é muito discreta, resumindo-se a uma música instrumental na abertura do programa e em momentos bem determinados. Na maior parte do tempo os únicos sons são vozes, aplausos e risos das pessoas em cena. Mas, quando ocorre um momento de emoção mais explícita, sempre no sentido melancólico da palavra, pode se ouvir um leve som dramático de fundo. Uma voz em *off*, de um locutor abre o programa, dizendo que o *Encontro Marcado* está no ar e que é apresentado Luiz Gasparetto.

Assim como outros programas que trabalham com conteúdo emocional, o *Encontro Marcado* usa os clássicos *closes* e as trilhas sonoras emocionantes quando alguma questão mais comovente ou dramática é abordada pelos convidados, mas de forma mais contida do que de costume assistimos em outros programas. Entretanto, é no discurso do apresentador e dos convidados que está a verdadeira fonte de atração emocional do programa, fazendo-se desnecessária a utilização excessiva de reforços para a entidade dramática.

A linguagem utilizada no programa é bem coloquial. Muitos entrevistados são de origem humilde e desconhecem as normas cultas da língua. O apresentador também se utiliza terminologia vulgar, com gírias e expressões populares.

Os convidados se sentem muito à vontade para contar suas histórias no início do programa, o Gasparetto pouco intervém no discurso, se limitando a fazer uma ou outra pergunta para entender melhor o caso apresentado. Depois de ter formado uma idéia sobre a situação, ele entra como psicólogo, tentando analisar o que foi dito pelo convidado e tirando conclusões. A todo o momento, ele pode ser interrompido pelo participante, que às vezes discorda ou busca se justificar. Muitas vezes o raciocínio do Gasparetto é realmente coerente e os convidados se sentem na chamada "saia justa", envergonhados por estarem agindo daquela forma.

Na platéia, Gasparetto encontra o respaldo para as teorias que monta sobre os convidados. Ele interage com as pessoas que estão assistindo ao programa do palco, buscando apoio para a sua opinião, mostrando que está em confluência com o público. A platéia é a representação da audiência no palco.

Outra forma de se aproximar do telespectador é a participação ao vivo. O indivíduo que consegue autorização da produção e participa no momento exato do debate que está ocorrendo no palco, goza de grande liberdade de expressão. A esta pessoa é permitido questionar os convidados, propor soluções para o caso, auxiliar o apresentador na resolução dos problemas, discordar e até se revoltar publicamente

contra os convidados presentes. É a voz da grande audiência, manifestada por um representante escolhido pela triagem da produção do programa.



#### 4. ENCONTRO MARCADO COM O GROTESCO

O programa *Encontro Marcado* caracteriza-se por trazer para o espetáculo televisivo os conflitos humanos. Estes conflitos fazem parte da existência de cada um de nós e são, por isto, comuns e banais. Independente da classe social ou cultural, do poder aquisitivo, do sexo, da idade, todos os seres humanos possuem conflitos.

Trazer a tona estes problemas de contorno emocional e pessoal é uma tendência que vem crescendo entre os espetáculos. Através da identificação de uma sociedade amargurada pelos seus próprios recalques, programas como *Encontro Marcado* encontram um público ansioso por identificação.

Alguns dos atuais programas de TV buscam conquistar cada vez mais audiência, expondo ao grande público individualidade e intimidades que antigamente fazia-se questão de esconder. Problemas relacionados à sexualidade, à vida a dois, à situação financeira, a brigas com quem quer que seja, e tantos outros temas polêmicos - e muitas vezes extremamente delicados - enquadram-se na definição de grotesco. (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 20)

O que o *Encontro Marcado* leva para seu palco nada mais é do que o retrato dos problemas emocionais da sociedade. O homem angustiado procura através da representação grotesca encontrar o seu lado distanciado do mundo que é permissível pelas convenções.

Aqui, o grotesco é posto a serviço de um sistema que pretende ser exatamente a compensação para a angústia do indivíduo dos grandes agrupamentos urbanos. (SODRÉ, 1983. p. 81)

Os problemas apresentados no programa encaixam-se na definição de grotesco por se tratarem de algo exótico e levarem um estranhamento para quem assiste. O sentido diferente encontrado nos casos apresentados verifica-se quando colocamos em comparação com o que é convencional na TV, já que é sabido que o grotesco é algo que se tem conhecimento, mas que se evita pronunciar.

#### 4.1 A emoção grotesca

São notórios os problemas conjugais, afetivos e de relacionamento. Entretanto, isto não é tratado publicamente. A atração *Encontro Mercado* lança, em amplitude midiática, estas mazelas, causando identificação da platéia.

Uma vez que todos vivemos entre normas sociais, às quais nos submetemos, e leis naturais, que nos subjugam, nada como o "disforme", o "grotesco" ou o "prodigioso" para nos despertar e subtrair à banalidade da vida cotidiana. (TRINTA, 1992 p.28. Apud Dahbar & Aguiar, 1998. p. 21)

Uma sociedade despida de seus preconceitos, disposta a ir de encontro ao cinismo generalizado contemporâneo. Tratando dos assuntos grotescos da intimidade, sem a máscara hipócrita a que são submetidos no dia-a-dia.

Os telespectadores procuram a TV para a resolução dos seus problemas. O veículo assume um papel de conselheiro e mediador das boas coisas, frente a um sistema de amparo social falido.

Aparecer na televisão com a intenção de buscar soluções para os problemas virou moda. Hoje é comum as pessoas procurarem ajuda nos programas de televisão, pois assim acreditam que estão tomando o caminho certo, ou seja lá o que o for. (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 26)

Na TV, o espectador carente encontra histórias como as suas, vividas por outras pessoas. Percebe que suas crises são banalidades presentes nas relações humanas. Vê que não é tão estranho.

(...) Freud chama de *Unheimlich* a assustadora impressão que se liga às coisas conhecidas há muito tempo e familiares desde sempre. Manifesta-se em diversos temas angustiantes tais como medo da castração, figura do duplo, o movimento do autômato. Na figura do duplo e do autômato, segundo Freud, há a suspeita de que um ser aparentemente inanimado esteja vivo ou que algo sem vida seja animado. Também há as descrições de corpos mutilados, devorados ou desarticulados que compõem também as narrativas relacionadas à angústia. (ALONSO, 2006. <http://www.novamente.org.br/revista.php>)

O indivíduo que procura a TV sabe que vai até ali expor algo muito íntimo e que estará exposto aos comentários do público. No caso do programa *Encontro Marcado*, o telespectador que procura a produção sabe que estará em um palco, numa transmissão em rede nacional, sendo analisado publicamente. Mas ele não teme isso.

Hoje, as pessoas fazem questão de se mostrar como indivíduos, e é este individualismo que as diferencia dos outros. O que importa é aparecer na televisão, nem que seja por poucos minutos e através do escândalo. (Dahbar & Aguiar, 1998. p. 27)

A homogeneização propiciada pelo modo de produção capitalista, subsidiada pela cultura de massa e pela globalização, força o indivíduo a buscar uma individualidade, nem que seja frente às câmeras.

(...) os problemas da vida individual, privada, os problemas da realização de uma vida pessoal se colocam, de hoje em diante, com insistência, não mais apenas no nível das classes burguesas, mas da nova camada salarial em desenvolvimento. (MORIN, 2000 p.89)

O programa *Encontro Mercado* utiliza muito bem esta matéria-prima, formada pelos recalques de seus espectadores. A cada novo programa, uma nova história comovente, atrativa e comum.

Como um grande espelho, a TV reflete as famílias que assistem a ela. Mas não a família composta pelos padrões da sociedade, uma família do avesso, com as entranhas a mostra.

É precisamente isto o medium: o espelho como prótese do mundo. O que efetivamente consome o espectador de tevê é o ato de ver, de espiar, de satisfazer-se escopicamente. O que se poderia chamar de "desejo audiovisual" é esse movimento de espiar o mundo ou suas imagens, somente pela pulsão de olhar, independentemente dos conteúdos ou dos significados. A mirada concentra-se sobre o chocante na televisão do mesmo modo que sobre o malabarista de feira pública ou sobre o acidente na beira da estrada. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 139)

O *Encontro Mercado* consegue fidelizar o público oferecendo aos seus telespectadores este tipo de imagem, com maior verossimilhança da realidade, sem pudores do que é real.

Mas, não apenas de audiência se sustenta uma emissora de televisão. É claro que os interesses mercadológicos estão

inseridos na atração. Durante o programa *merchandising* de produtos ligados à elevação da auto-estima são anunciados.

Entretanto, a audiência não pode ser desconsiderada como co-participante do que ela assiste. É o público que forma os índices publicados pelos institutos de pesquisa. Segundo Lacan, "não existe mais diferença entre a televisão e o público depois de algum tempo". (Apud SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 131)

De fato, a principal matéria-prima para os conteúdos discursivos da tevê são as "representações sociais", no sentido de forma de conhecimento a partir do senso comum e orientada para a figuração de uma realidade qualquer. Na fronteira do individual com o social, essas representações incorporam conteúdos (opiniões, atitudes, informações) realistas e imaginários, relativos à vida cotidiana, reorganizando-os numa modalidade de saber adaptada à fácil comunicação. (SODRÉ & PAIVA, 2002. p. 131)

O espectador do *Encontro Marcado* é fisgado por algo que ele quer ver, da mesma forma que programa oferece o que seus interesses organizacionais pedem. Onde começa e termina este jogo entre a TV e audiência é muito difícil de se precisar.

O *Encontro Marcado* possui em demasia elementos que promovem projeção, identificação e empatia, básicos para a existência de uma boa recepção entre o público.

(...) projeção (o receptor desloca as suas pulsões para os personagens do vídeo), identificação (o receptor torna-se inconscientemente idêntico a um personagem no qual vê qualidades que gostaria ou julga que lhe pertençam) e empatia (conhecimento que o receptor tem do comunicador, colocando-se mentalmente em seu lugar). (SODRÉ, 1983. p. 60)

Por se tratar de histórias ditas verídicas isto se torna ainda mais fácil. Mesmo que o fato apresentado no programa

fosse representado por atores a identificação não deixaria de existir, já que independem de protagonistas autênticos para que os enredos, tão recheados de apelo individual, sejam atrativos.

As intrigas se registram dentro de quadros plausíveis. O cenário confere aparência da realidade. O ator se torna cada vez mais "natural" até aparecer não mais como um monstro sagrado executando um rito, mas como um sósia exaltado do espectador ao qual este está ligado por semelhanças e, simultaneamente, por uma simpatia profunda. (MORIN, 2000 p.92)

A exposição de crises emocionais e psicológicas caracteriza o programa como um circo moderno, onde não é mais a mulher barbada, o globo da morte ou trapezista que faz o sucesso. Tal qual estes exemplos, a corda bamba da vida contemporânea torna-se a atração principal deste picadeiro eletrônico.

Assim como é debaixo das tradicionais lonas coloridas, o programa de auditório leva o público da euforia às lágrimas. O riso é permitido, pois o grotesco aproxima o objeto da naturalidade, indiferenciado-o.

(...) onde se esperava a angústia de castração, sabe-se o tempero do riso e da irreverência transgressora; onde se espreitava a paralisia impotente, irrompe a potência da alegria. Porém, isso só pode ocorrer porque há uma estética específica atuante no procedimento humorístico (e também nas piadas), um "bem dizer" que é essencial para o efeito produzido. (Kupermann, 2001. <http://www.gradiva.com.br/grotesco.htm>)

O choro também é comum, já que se está rindo das mazelas, porque não chorar por elas. Nem sempre olhar através do espelho é uma experiência agradável.

Os relatos das pessoas que participam por telefone do *Encontro Marcado* refletem bem esta consideração. As pessoas ligam emocionadas, outras esboçam indignação, outras tentam ajudar, pois já passaram por problema parecidos.

O fato de o grotesco ser a representação de um mundo alheado, feito estranho e em recusa é respaldado por depoimentos vociferantes de espectadores que se sentem extremamente ofendidos e atingidos pelo que é dito no palco, ou mesmo pelas críticas audazes do Gasparetto.

O elo sentimental e pessoal que se estabelece entre espectador e herói é tal, no novo clima de simpatia, de realismo e de psicologismo, que o espectador não suporta mais que seu *alter ego* seja imolado. (MORIN, 2000 p.93)

A platéia a todo tempo se comporta como os antigos freqüentadores das feiras públicas. Risos de escárnio, admiração, aplausos, revolta e extrema atenção em tudo que é dito no palco. O grotesco prende a atenção como poucos modos midiáticos.

Outro ponto que caracteriza o programa *Encontro Marcado* como uma atração que utiliza a estética grotesca é a inversão de valores.

Neste caso, saindo um pouco do que estamos chamando de grotesco emocional, o programa leva mão de artifícios grotescos já utilizados em outras atrações precedentes e contemporâneas, do mesmo estilo.

Assim como nos programas de calouros - que subvertem a legislação oficial e atribuem a convidados a capacidade de analisar e julgar candidatos, como se tivessem alguma notoriedade no assunto, e na maioria das vezes não a tem - a atração da Rede TV oferece um consultório psicológico público.

Como no tribunal do júri, a função de cada um deles é, mais do que dar uma apreciação estética, chegar a uma resposta para o quesito Culpado ou Inocente? (SODRÉ, 1983. p. 63)

O próprio apresentador, Luiz Gasparetto, abre mão de seu registro como psicólogo para exercer seu lado psicanalista livremente, sem sanções legais. Tem-se então um programa com um divã aberto, não só para o ex-psicólogo Gasparetto, mas também para os analistas de plantão, seja na platéia ou nas participações por telefone.

A partir deste momento, temos uma descaracterização do ato profissional, respaldado por aprofundamento teórico e experiências práticas, e passamos a ter uma representação tosca e grotesca. Mais uma vez a TV torna-se um referencial e se apropria de valores de terceiros.

O programa *Encontro Marcado* mostra as grotescarias humanas como uma caricatura social. No palco da TV, todo lado feio pode ser mostrado, como uma charge, lúdica e chocante nas formas, mas autêntica e substancial.



A animalização pode se dar somente nas instâncias do trabalho, da casa, das relações de amizade, do mundo público e privado (sempre escondido, não-dito, não-compreendido, não-visto): não na Arte, não na literatura: é aceita somente enquanto caricatura, nunca como uma real dissolução da visão e do existir: é sempre reaproveitado como "teatro". Esse afastamento do "animal", afastamento do grotesco em favor do sublime ou do normal, instaura o homem de classe média e seu universo patético. (CALDAS, 2006. <http://www.unir.br/~primeira/artigo93.html>)

Na apreciação do espetáculo televisivo observamos os mesmos conceitos grotescos elevados por diversos autores se aplicando novamente. Desta vez, a forma toma o emocional como representação. A vida pública, já tão devassada, abre espaço para não-público. O eu interior torna-se o eu grotesco em o *Encontro Marcado*.

#### 4.2. Gasparetto: uma máquina de produção do grotesco

Quem participa do programa *Encontro Marcado* sabe qual é o objetivo final da atração televisiva: levar aos telespectadores os conflitos vividos por pessoas comuns e auxiliar numa suposta resolução destes problemas. Sendo assim, temos uma relação de conformidade entre convidado, produção e apresentador do programa.

Ao procurar a produção do programa, o espectador quer expor suas crises e conhece muito bem sua função no espetáculo. Não existe inocente nesta relação.

Vir aqui é uma opção, né! Estar aqui na frente do Brasil, enfrentar nossa verdade, perder nossa vergonha, nossas bobagens na cabeça e

encontrar um roteiro. Ao mesmo tempo, que todos nós, que estamos juntos assistindo, estamos participando e aprendendo. Aprendendo com a vida do outro, com o exemplo do outro, aliás, com o erro do outro, ou com o acerto do outro, que é esse o propósito do nosso encontro. (GASPARETTO, junho de 2006. Programa *Encontro Marcado*. RedeTV!)

Podemos entender como crise algo que diferencia o indivíduo, distorcendo-o da dita normalidade. Sendo assim, temos duas faces de um mesmo ser. Uma que agrega todos os valores considerados excelsos e outra que dispõe de predicados não tão sublimes. Ambas são coexistentes e indissolúveis. Todo homem possui seu lado "bom" e seu lado grotesco.

O lado grotesco é geralmente camuflado, pois simboliza características mais vexatórias.

O programa *Encontro Marcado* procura exprimir esta faceta não tão agradável. Na atração o que interessa é o lado grotesco do homem, aquilo que ele teme contar. Desta forma, o programa se especializa em extrair os atributos grotescos.

Gasparetto cumpre muito bem este papel. Utilizando-se das práticas psicológicas de seu conhecimento, ele consegue produzir o que podemos chamar de "virada do convidado". Ou seja, o momento que o convidado deixa de representar seu papel de aceitação social e desnuda seu lado grotesco frente às câmeras. "Virada" porque, mesmo ciente da intenção do programa, inicialmente o entrevistado não se revela. Contido em seus pudores ele necessita do intermédio do apresentador

para se expressar. A pré-disposição, iniciada desde o momento que a pessoa procura o programa, é a garantia de um êxito final.

Sabendo desta tendência, Gasparetto segue um roteiro de extração do grotesco. É interessante notar que a forma utilizada por ele é similar em todos os programas, o que mostra uma conformidade entre os convidados e os problemas, e que evidencia, ainda mais, o grotesco como algo presente na vida de qualquer indivíduo.

Segundo a produção do programa, o apresentador não sabe dos casos previamente, chega pouco antes de começar o programa e sai logo quando acaba a gravação. Isto demonstra a capacidade de leitura do Gasparetto no que tange as especificidades grotescas do ser humano. O apresentador se caracteriza, então, como uma máquina de extração grotesca.

Para visualizar melhor vamos observar alguns diálogos deslocados de programas, que revelam o processamento do grotesco.

Em programa exibido no mês de junho, o tema era "Tenho vergonha de ser cego". O próprio título já caracteriza a abordagem de um tema ainda explorado por atrações grotescas, a deficiência física. A vergonha também é uma manifestação grotesca, já que é tida como um desvio emocional, o lado "ruim" no sentimentalismo humano.

Neste caso, um deficiente visual procurou o programa para explicitar seus problemas de relacionamento, decorrentes da vergonha de ser cego. Para sanar sua dificuldade em encontrar amigos, o deficiente procurava formas alternativas de relacionamento, como o bate-papo telefônico. O problema começava quando as conversas saiam da zona telefônica e passavam para o mundo real.

Já no início do programa, o apresentador começa a utilizar seus artifícios para arrancar do convidado o que convém a audiência, ou seja, os atrativos grotescos.

Gasparetto - Ivan (nome do convidado com deficiência visual), por que você resolveu vir aqui no nosso programa?

Convidado - Eu resolvi vir ao programa pelo seguinte: eu, durante muito tempo, posso dizer que fui bastante mimado pela minha mãe. Para você ter uma idéia, minha mãe servia o café da manhã e eu não cortava nem o pão. Ela deixava tudo pronto.

Gasparetto - Eu sei, sua mãe é daquelas que põe a roupa em cima da cama pro filhinho, né?

Convidado - Exatamente.

Gasparetto - Vai tomar banho e ela põe o chinelo do lado, né? Faz o prato da comida... Eu sei como é. Existem esses demônios. Existe! É um tipo de demônio.

Este trecho demonstra a abordagem inicial adotada por Gasparetto em todos os programas. Ele deixa o convidado se pronunciar e, a partir destes primeiros detalhes, ele vai produzindo uma análise mental do entrevistado, buscando alcançar o que realmente possui relevância grotesca.

Neste caso, ele já inicia a abordagem identificando a mãe do convidado. Um "demônio", nas palavras dele. Vemos aí uma característica básica do grotesco que é a inversão de

valores. A figura materna, sempre associada à pureza e a elevação humana, é comparada com um elemento das trevas, de baixa aceitação.

Ciente da fragilidade e da imaturidade do convidado, Gasparetto segue sua linha de raciocínio tentando tirar mais dele. A todo o momento, ele busca a chamada "virada", o momento em que todo o grotesco emocional virá à tona, confirmado pelo próprio convidado.

Continua a entrevista:

Convidado - Eu me tornei mais dependente porque eu morava sozinho e não tinha ninguém para conversar, eu não tinha amigos, então, eu entrei, mesmo, dentro deste bate-papo por telefone e, de repente, as minhas amizades foram exatamente só dali...

Gasparetto - Por que você não tinha amizade como ele? (referindo-se ao amigo que acompanhava o rapaz cego no programa)

Convidado - Eu tinha amizade, mas eu me soltava mais dentro do bate-papo.

Gasparetto - Você gosta sempre de estar escondido atrás de alguma coisa, não é? Você está percebendo isto?

Neste ponto, o convidado já está à vontade para assumir suas dificuldades emocionais e passa a desempenhar seu papel na exploração do grotesco. Com o auxílio do apresentador, ele revela sua carência e o medo que tem da exclusão, devido à cegueira.

Convidado - Eu não consigo lidar com essa questão da rejeição.

Gasparetto - É porque a questão da rejeição é algo muito forte na sua vida. Você é uma pessoa que vai se dependurar na outra. Você mesmo se rejeita. Eu acho que até a sua deficiência visual tem muito haver com essa falta de coragem que você tem. O que você veio buscar aqui?...

Convidado - O que eu queria é que as pessoas não me olhassem como coitadinho... Ele é deficiente, por isso vou ajudá-lo.

Aqui temos a torção do convidado. Sua revolta com a deficiência, sua imaturidade afetiva, sua dependência social e seus medos aparecem. Longe de sentimentos puros e nobres, o que ele guarda é toda uma mágoa. A figura perde a inocência e assume ares grotescos.

Vejamos um outro exemplo:

Neste programa, exibido no mês de julho, uma mulher lamentava a solidão e dizia não conseguir atrair os homens. Apesar disso, a convidada era hostilizada por mulheres casadas, que temiam que ela se envolvesse com os seus maridos.

Convidada - Eu gostaria de resolver esta questão. Não que isso me incomode.

Gasparetto: É claro que te incomoda, você voltou neste assunto.

Convidada - É porque estas acusações são infundadas.

Gasparetto: Será? Porque eu acho que é o que você gostaria de fazer!

Convidada - Ai, Gasparetto!

Gasparetto: Eu acho! Eu acho que você gostaria de pegar uns dois, três, quatro... Eu acho que você gostaria. Você faz a boazinha, a purinha, a certinha, mas se pudesse você gostaria.

Convidada - Não, não...

Gasparetto: Porque seria bom ter um cara casado, que não pega no seu pé.

Convidada - Ah, sim, talvez fosse melhor mesmo.

Gasparetto: Está vendo, ela já andou pensando que ela quer pegar um casado.

O exemplo acima mostra como Gasparetto conseguiu revelar o outro lado da mulher no programa. Valores como a infidelidade no casamento, a liberdade sexual feminina ainda são vistos como tabus. A mulher, a todo tempo, queria negar esta vontade de ser a "outra", uma característica desaprovada

socialmente. Entretanto, com habilidade, o apresentador consegue expor esta faceta grotesca da convidada.

Na busca desta torção, Gasparetto age com eficiência, inquirindo, julgando, buscando explicar e aumentando à intensidade das revelações, com gestual, gritos palavras de escárnio.

Quando não consegue, através de seus conhecimentos de psicologia, dar conta das crises apresentadas, o apresentador usa o ocultismo para explicar os fatos.

Em alguns programas ele utiliza seu mentor espiritual na resolução das questões. Por meio desta figura invisível, ele se exime de qualquer responsabilidade, ao mesmo tempo, que apresenta uma conclusão inquestionável.

Em um caso, também apresentado no mês de junho, podemos perceber a utilização deste artifício.

O tema apresentado no programa era "Não sou uma máquina de fazer sexo". A sexualidade é um termo recorrente em qualquer atração grotesca. Desta vez, o fato abordava a dificuldade passada por uma mulher que era sempre assediada sexualmente.

A entrevistada, uma senhora na casa dos 50 anos, reclamava no programa que desde os 18 anos sofria com uma perseguição sexual masculina inexplicável. Ela, que não adotava um visual atraente, não possuía um jeito sensual de

ser e nem era provida de atributos físicos instigantes, passava por maus bocados. Havia terminado relacionamentos, gozava de má reputação social e sofria de solidão afetiva, pois os homens só a procuravam com intuitos copulativos. Ela queria uma explicação para o seu caso.

Depois de muito debate e da mulher contar diversas situações de constrangimento sexual a que ela havia passado, Gasparetto usa de sua notoriedade como médium para resolver o caso, que ao que parece não possuía uma explicação pautada na lógica.

Gasparetto - Eu já vi esses casos. Eu considero esses casos como obsessão sexual. Porque existe alguma coisa que te procura, que fica em volta de você em certas épocas. Porque eu estudei obsessão sexual, ou seja, a presença de entidades que geram situações sexuais na vida da pessoa (...) Não é você que está provocando, mas o espírito cria uma situação e as pessoas ficam enlouquecidas.

Percebemos aqui diversos elementos distorcidos grotescamente. O ocultismo, o sexo, a resolução dos fatos através de mecanismos insólitos, permissíveis apenas no mundo onírico da TV.

Como já citado anteriormente, Luiz Gasparetto assume a função dos lendários bobos da corte. Ele tem a permissão para dizer o que quer, satirizar, dizer a verdade e produzir o riso. A comicidade sempre permeou o grotesco. No *Encontro Marcado* não é diferente.



As sacadas cômicas do apresentador levam a platéia ao gozo. Todos podem rir, inclusive aqueles que são o motivo do deboche: os próprios convidados.

O riso geralmente é o malévolo. A crueldade manifestada de forma engraçada é despreocupada e exercida livremente.

No caso "Estou desesperado, meu grande amor é uma garota de programa", exibido no mês de junho, Gasparetto usa sua condição de bufão contemporâneo e desfila uma série de julgamentos sobre o convidado, que assume ser a causa de suas crises pessoais.

Convidado - É, eu sou o problema.

Gasparetto - Quando você entra na sua loucura você sai da realidade. Você vai sofrer, você não vai botar um rumo na sua vida. Você vai sofrer, sofrer...

Convidado - Exato. Eu penso que parei no tempo e estou vegetando.

Gasparetto - Você não quer aceitar a realidade. Você quer o seu sonho. Mas ela não está afim. (...) Você disse que tem 29 anos e não consegue arrumar alguém?

Convidado - Meu medo é ficar sozinho e não encontrar alguém. Eu tenho nojo de mim mesmo. (...) Nem pagando ninguém quer ficar comigo.

Gasparetto - Alguma coisa tem por trás disto. Aposto que ele não se gosta.

Convidado - É verdade.

Aqui o grotesco serve como portal para realidade. Ironicamente o chamado "sogni dei pittore" passa a conotar um homem real, sem as amarras morais.

A identificação dos telespectadores é evidenciada pelos próprios convidados que manifestam a satisfação por participar do programa, seja no placo seja por telefone.

Olha Gasparetto, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a você também, porque eu tive coragem de vir aqui depois de assistir vários dos seus programas e me identifiquei com vários. (CONVIDADO, junho de 2006. Programa *Encontro Marcado*. RedeTV!)

Fica então caracterizada a importância do apresentador na obtenção do fato grotesco. Gasparetto configura-se como elemento extrator, os convidados se mostram pré-dispostos, mas o grotesco emocional é do tipo que deve ser obtido. Diferentemente de outras formas grotescas, esta é a que menos surge de forma explícita.

Auxiliando também na captura do espectador pelo tema, a produção do programa insere frases na tela e intitula os programas sempre com um viés grotesco chocante. "Mãe é explorada pelos filhos, mas não consegue colocá-los para fora de casa", "Tenho inveja de quem sabe ser feliz". "Me sinto derrotada por não atrair os homens", são alguns exemplos.

## 1. CONCLUSÃO

O levantamento histórico e documental revela que é antiqüíssima a participação do grotesco na vida humana. O termo, que originalmente foi cunhado para identificar específicos tipos de ornamentos arquitetônicos, tomou proporções incríveis e atingiu toda a vida cotidiana em geral.

Na arte o grotesco encontrou seu caminho de evolução e resistência. A cada período ele se reinventou, adaptou-se e causou polêmica.

De ovacionado a repudiado o grotesco aplicou-se à literatura, à pintura, à escultura, ao teatro, à música e à vida.

A mescla de elementos animais, vegetais e fantásticos notabilizaram-no como algo do onírico, devaneio de artistas que viam o mundo de forma alheada.

A banalidade consumiu o termo que buscava a indiferenciação social. O grotesco por muito tempo, e até hoje, passou a ser um simples adjetivo para algo ridículo e/ou excêntrico.

Sua capacidade de redefinir os padrões estéticos, não confrontando o belo e o feio, o harmônico e o desarmônico, o

bem e o mal, mas agregando todos estes valores como excelsos na produção humana.

Alguns autores o definiram erroneamente, como um ente maniqueísta a serviço de uma aristocracia ditatorial e desagregada do corpo social. Como se isto fosse possível, e o poder não fosse atribuído e sim outorgado. Como se a massa consumidora fosse formada por cordeirinhos de um rebanho coerente e apenas sugestionável.

Quando Hugo percebe o grotesco como uma alternativa à monotonia operante e como um reencontro com o "natural", ele dá ao termo seu devido valor.

Numa sociedade acostumada a abnegar-se de certos valores considerados inferiores, o grotesco surge como um grito deste mundo sufocado.

Ao longo do estudo sobre o grotesco é nítido seu papel de facilitador evolutivo. Tudo que emerge com a estética grotesca é algo latente no interior social. O termo possibilita quebra da normalidade inserindo um diferencial agregador e rompendo uma etapa.

Desde a primeira descoberta de algo grotesco, nas escavações em Roma, isto aconteceu. Estava na hora das retas arquitetônicas darem lugar a formas sinuosas de expressão. Isso se repetiu na música, como em Richard Strauss, na

literatura, como Charles Baudelaire, na pintura, como Hieronymus Bosch, só para citar alguns exemplos.

Mas toda vez que a expressividade grotesca vem à tona em alguma arte, ou nos costumes, percebe-se na seqüência uma assimilação do fato grotesco pela sociedade.

A tendência de toda manifestação grotesca é a indiferenciação.

O grotesco surge da necessidade de expor algo que é aprisionado e que não é permitido por padrões morais e de conduta social.

O chamado mundo estranho que ele apresenta não é tão diferente como aparenta. A partir de uma análise mais aprofundada, é possível notar que o artista conseguiu enxergar, na verdade, algo comum e banal, mas que se torna diferenciado quando deslocado da homogeneização operante. Os artistas compreenderam o grotesco como um mecanismo de expressão de um mundo mais completo, sem as amarras do maniqueísmo.

Recentemente, era comum programas de televisão que faziam o uso do grotesco chocante para obter maiores índices de audiência. Pessoas deformadas, com doenças raras, casos de assassinatos e práticas sexuais exóticas estavam na temática destes tipos de atração televisiva. Após um tempo de exibição e muito sucesso, estes programas iam, aos poucos, perdendo

seus pontos de vantagem na audiência, chegando mesmo a serem retirados da grade de programação das emissoras. Isto porque o grotesco perde sua característica de excentricidade e se indiferencia depois que é generalizado. Um exemplo disto é o *Programa do Ratinho*, que passa por sérios problemas de audiência e o da apresentadora Márcia Goldschmidt, *A Hora da Verdade*, já extinto.

No programa *Encontro Marcado* percebemos um avanço na forma de manifestação grotesca na TV. O grotesco deixa de ser escatológico e passa a ser emocional.

A sociedade passa por momentos de dificuldades no campo psicológico. O homem contemporâneo vive em um mundo estressante, cercado de estímulos alienalizantes, incerto sobre sua individualidade e seu papel social. Surge uma busca constante pela diferenciação, individualidade a qualquer preço. A TV passa a funcionar como saída para este homem em desamparo. A telinha torna-se um reflexo dos recalques da vida real.

Quando Gasparetto leva um caso de conflito de relacionamento entre mãe e filho, na verdade ele está expondo uma situação comum a vários lares de espectadores do seu programa. De casa a mãe que assiste atração se sente individualizada frente à massa e se identifica.

Mais que atender a interesses mercadológicos, o que é óbvio, o programa oferece o que uma grande parcela de teleguiados quer ver e precisa ver.

Neste ponto a atração é extremamente benéfica, na medida que produz um resgate da individualidade e desmistifica assuntos que já não podiam ser considerados tabus atualmente.

A projeção instantânea com os casos relatados no programa pode levar a raciocínios, que coerentes ou não, valem a pena pelo fato de fazer pensar, mais que muitos programas considerados *cult*.

Assim é possível vislumbrar com este projeto que o grotesco contemporâneo assume papel social, na medida que passa a ser um desagregador de conceitos firmados, possibilitando a revisão dos mesmos e uma possível evolução.

É claro que, na maioria das vezes, as emissoras de televisão não estão preocupadas com isto, mas com os seus lucros. Mas, este mecanismo independe da vontade do veículo, ele se processa normalmente no público.

Foi importante, ao longo do trabalho, despir o grotesco de sua adjetivação descaracterizante e secular. O termo não deve ser entendido como uma inferiorização quando reportado a um objeto e não deve ser usado indiscriminadamente como tem sido.

Assistir o Encontro Marcado sobre a ótica do grotesco permite enxergar que a real definição do termo é realmente aproximar o homem da naturalidade das coisas.

O grotesco termina quando homem assimila sua diferença e passa a ver o todo sem distinguir a parte, pois as partes, na verdade, tendem a se anular quando compreendidas.



## 6. BIBLIOGRAFIA

1. AGUIAR, Patrícia Teixeira de; DAHBAR, Carla Cristina. *O circo da vida: O grotesco e o fait divers no picadeiro da Márcia*. Juiz de Fora, 1998. 83 fls. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social - Faculdade de Comunicação Social, UFJF.
2. ALONSO, Aristides. *O grotesco: transformação e estranhamento*. Disponível em <<http://www.novamente.org.br/arquivosnovos20-01-2005/Artigo%20Aristides%20-%200%20Grotesco.doc>>. Acessado em 15 de julho de 2006.
3. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rebelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987. 419p.
4. BORGES, Bento Itamar. *O (mau) gosto e o grotesco*. Disponível em <[http://www.psicologia.ufrgs.br/lpa/bento\\_01.htm](http://www.psicologia.ufrgs.br/lpa/bento_01.htm)>. Acessado em 01 de maio de 2006.
5. CALDAS, Alberto Lins. *O grotesco e o alegórico*. Disponível em <<http://www.unir.br/~primeira/artigo93.html>>. Acessado em 07 de maio de 2006.
6. CRIPPA, Giulia. *O grotesco como estratégia de afirmação da produção pictórica feminina*. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100007)>. Acessado em 01 de maio de 2006.
7. HUGO, Victor. *Do Grotesco e do Sublime: tradução do "Prefácio de Cromwell"*. Tradução e notas de Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1988. 93p. (Coleção Elos).
8. KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1986. 162p.
9. KUPERMANN, Daniel. *Do humor e do grotesco na psicanálise*. Disponível em <<http://www.gradiva.com.br/grotesco.htm>>. Acessado em 07 de maio de 2006.

10. MAGNO, MD. Cinismo: caminho necessário da contemporaneidade? Disponível em: <<http://www.facom.ufjf.br/lumina/r8-md%20magno%20hp.doc>>. Acessado em 15 de julho de 2006.
11. MEDEIROS, Valério. *O grotesco em Baudelaire*. Disponível em <[http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/ensaios/novos\\_garrafa\\_2/ensaio\\_o\\_grotesco.doc](http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/ensaios/novos_garrafa_2/ensaio_o_grotesco.doc)>. Acessado em 01 de maio de 2006.
12. MORAES, Dênis de. *A hegemonia do grotesco no imaginário da mídia*. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigo/al010520020.htm>>. Acessado em 15 de julho de 2002.
13. MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: neurose*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 208p. - (O espírito do tempo; 1).
14. RUSSO, Mary. *O grotesco feminino: risco, excesso e modernidade*. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 247p.
15. SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira*. 9<sup>a</sup>.ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 84p. (Coleção Vozes do Mundo Moderno/4).
16. SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 155p.